

Alho como enxaguante bucal

Estudo constata propriedades antibacterianas no bochecho feito com extrato da erva, abrindo caminho para futuros produtos naturais no combate à cárie e à doença periodontal. Especialistas apontam a necessidade de mais pesquisas para validar a descoberta

F. Antewan/Divulgação



Concentrações mais elevadas de antisséptico têm eficácia comparável à da fórmula industrial

» PALOMA OLIVETO

Extrato de alho demonstra eficácia antimicrobiana comparável a outros antissépticos e desinfetantes bucais amplamente utilizados no dia a dia, como a clorexidina, de acordo com cientistas médicos da Universidade de Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos. Publicado no *Journal of Herbal Medicine*, o estudo sugere que, embora o enxaguante à base da hortaliça possa causar mais desconforto do que as substâncias tradicionalmente encontradas nas farmácias, ele oferece efeitos residuais mais duradouros. “A clorexidina é amplamente utilizada como padrão ouro para enxaguantes bucais, mas está associada a efeitos colaterais e preocupações com a resistência antimicrobiana”, observam os autores. “O alho (*Allium sativum*), conhecido por suas propriedades antimicrobianas naturais, surgiu como uma alternativa potencial”, escreveram no artigo, uma revisão sistemática de 389 pesquisas científicas, na qual compararam a eficácia antimicrobiana do extrato de alho com a clorexidina na prática clínica, avaliando a possibilidade de agir como um substituto fitoterápico. Segundo os pesquisadores dos Emirados Árabes, na análise estão incluídos ensaios clínicos que fazem a comparação entre o enxaguante herbal e a clorexidina. Os resultados, afirmam,

Duas perguntas para

MARIA LETÍCIA BUCCHIANERI, DENTISTA E COORDENADORA DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA FACULDADE ARIA

A atividade antimicrobiana do extrato de alho é comparável à da tradicional clorexidina?
Essa pesquisa publicada faz uma análise de alguns estudos que usaram metodologia semelhante e compararam o extrato de alho com a clorexidina. Nesses estudos, concentrações elevadas do bochecho com extrato de alho teriam apresentado efeitos semelhantes aos dos de clorexidina. Mas precisamos fazer algumas ponderações, principalmente porque os estudos são

poucos e existem riscos de efeito colateral, como maior sensibilidade e ardor nas mucosas bucais.
Há alguma situação em que o extrato de alho pode ser recomendado no lugar da clorexidina?
A gente não pode ainda considerar a possibilidade de substituir o bochecho de clorexidina pelo bochecho com extrato de alho. A clorexidina continua sendo o padrão ouro entre os antimicrobianos bucais. A despeito do extrato de alho ter

propriedades antimicrobianas, anti-inflamatórias e antifúngicas, ainda são necessários mais estudos de segurança, de eficácia em relação ao tipo de bactéria que causa a cárie e a doença periodontal. Tudo isso deve ser analisado. Então, são perspectivas positivas, mas que ainda requerem muito estudo. Precisamos de estudos maiores, com número grande de participantes e que acompanhe as pessoas por um período maior, avaliando a mudança nas bactérias da boca e efeitos colaterais, como lesões na mucosa. (PO)

indicam que concentrações mais elevadas do antisséptico com extrato de alho demonstraram eficácia antimicrobiana comparável ao do desinfetante tradicional. “A eficácia variou conforme a concentração do enxaguante bucal e a duração da aplicação, contribuindo para as diferenças nos resultados”, afirma a revisão. “Alguns estudos demonstram que a clorexidina é mais eficaz para elevar o pH da placa bacteriana, enquanto outros relataram que o extrato de alho é melhor em determinadas concentrações.”

Desconforto

Os autores, porém, ressaltam que o enxaguante bucal com alho pode causar maior desconforto nos usuários. As principais reações adversas relatadas são sensação de queimação e odor desagradável, “o que pode afetar a disposição dos pacientes em substituir a clorexidina por alternativas à base de alho”, afirmaram. A odontopediatra Ilana Marques, da IGM Odontologia para Família, em Brasília, acredita que as características da erva impedem que,

hoje, a adesão ao antisséptico vegetal seja viável. “O sabor e o odor interferem totalmente. O principal desafio, além da falta de padronização da formulação e da concentração ideal, é a adesão. O alho tem odor muito marcante, sabor forte e pode causar ardência. Nos estudos analisados, esses efeitos foram relatados e diminuem muito a aceitação por parte dos pacientes”, diz. Embora reconheçam as limitações, os autores do artigo dizem que há evidências substanciais da eficácia antimicrobiana do extrato de alho. “Encontramos reduções significativas na contagem bacteriana em

relação ao nível basal, sugerindo o possível uso do enxaguante bucal com extrato de alho como uma alternativa viável à clorexidina em certos contextos”. Segundo os cientistas, a erva bulbosa é conhecida por fortes propriedades contra alguns tipos de microrganismos, incluindo bactérias e fungos. “Por décadas, cientistas têm buscado aproveitar um de seus compostos, a alicina, que tem propriedades antimicrobianas robustas”. Para os autores do artigo, o trabalho atual contribui para a compreensão do papel antimicrobiano do extrato de alho em comparação com agentes sintéticos. “No entanto, a maioria dos estudos é in vitro, varia em métodos e carece de padronização clínica, o que destaca a necessidade de estudos mais abrangentes”, reconhecem. A odontopediatra Ilana Marques acredita que a revisão é promissora, embora preliminar: “O alho tem compostos naturais potentes e o estudo mostra que há um caminho promissor para alternativas naturais na higiene bucal”, diz. Porém, também diz que muitas pesquisas devem ser feitas antes de se pensar em adotar o enxaguante herbal na prática clínica. “Por enquanto, nada substitui a clorexidina quando o objetivo é controle eficaz de microrganismos. Não se trata de usar receitas caseiras, e sim de acompanhar a evolução da ciência. A mensagem é: as pesquisas estão avançando, mas as recomendações clínicas continuam as mesmas.”

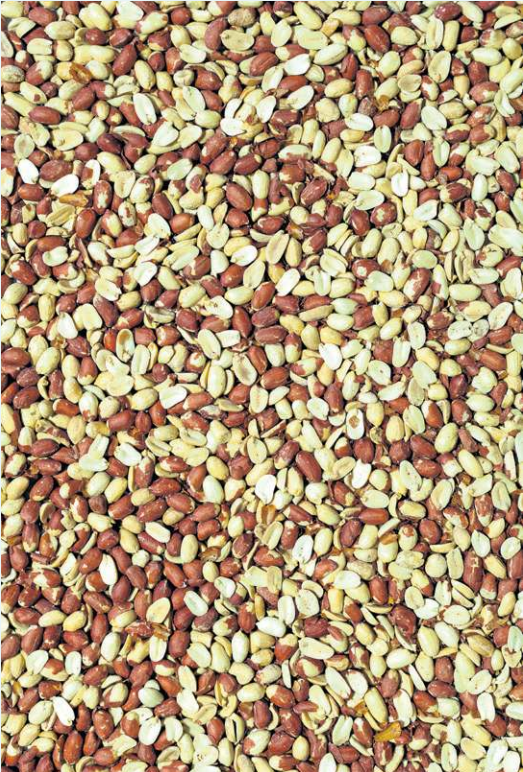
» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE DEZEMBRO PROTEÇÃO MAIS AMPLA

Pesquisadores da Universidade de Hong Kong descobriram que as estatinas reduzem significativamente o risco de morte e eventos cardiovasculares graves em adultos com diabetes tipo 2, incluindo aqueles sem probabilidade aumentada de sofrer infarto e acidente vascular cerebral. Publicados na revista *Annals of Internal Medicine*, os resultados desafiam a incerteza de longa data sobre se os pacientes com menor risco se beneficiam da terapia preventiva com esses medicamentos, sugerindo que podem ter um valor protetor mais amplo do que se supunha anteriormente.

MENOS DOSE DE REMÉDIO

Pesquisadores do Hospital Infantil SickKids, afirmam que uma pequena dose de imunoterapia oral (ITO) é suficiente para ajudar crianças com alergia a amendoim (foto), reduzindo o risco de reações graves por exposição acidental, com menos efeitos colaterais do que o tratamento padrão atual. Eles dividiram os pacientes em três grupos: baixa dose (30mg), padrão (300mg) ou sem medicamento. Os cientistas constataram que as do primeiro tiveram menos reação adversa do que as do segundo, com os mesmos benefícios. O estudo foi publicado no *Journal of Allergy and Clinical Immunology*.



Reprodução/Unsplash

TERÇA-FEIRA, 30

GOL CONTRA FAKE NEWS

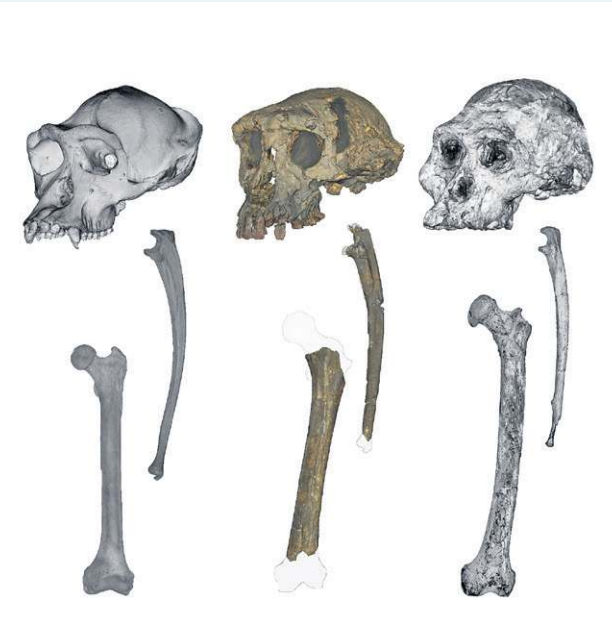
As atividades jornalísticas de verificação de notícias falsas que circulam no Facebook reduzem seu potencial viral e modificam o comportamento dos usuários, concluiu um estudo do Instituto de Estudos Políticos de Paris e da Universidade de Liège, na Bélgica. Segundo os resultados, uma informação checada e marcada como mentirosa tem sua viralização reduzida, em média, em 8% na rede social. O efeito, disseram os pesquisadores, deve-se tanto a uma mudança no comportamento dos usuários após a verificação quanto ao próprio funcionamento da rede social. A Meta, de fato, reduz a visibilidade das informações falsas avaliadas pelos verificadores de fatos, disseram.

QUARTA-FEIRA, 31

DOIS TIPOS DE ESCLEROSE MÚLTIPLA

Cientistas da University College London (UCL) e da Queen Square Analytics descobriram dois novos subtipos de esclerose múltipla com o auxílio de inteligência artificial, abrindo caminho para tratamentos personalizados e melhores prognósticos para os pacientes. Os pesquisadores analisaram os níveis sanguíneos de uma proteína especial chamada cadeia leve de neurofilamento sérico (sNfL), que pode ajudar a indicar os níveis de dano às células nervosas e sinalizar o grau de atividade da doença. As taxas e as imagens cerebrais feitas por ressonância magnética funcional foram interpretadas por um modelo de aprendizado de máquina chamado SuStaln. Os resultados, publicados na revista médica *Brain*, revelaram dois tipos distintos de esclerose múltipla: sNfL precoce e sNfL tardia. Segundo os autores, no futuro, quando a ferramenta de IA sugerir que um paciente tem esclerose múltipla com sNfL em estágio inicial, ele poderá se tornar elegível para tratamentos mais eficazes e monitorado mais de perto.

Scott Williams/Divulgação



QUINTA-FEIRA, 1º

ANCESTRAL MAIS ANTIGO

Antropólogos da Universidade de Nova York publicaram um artigo na revista *Science Advances* com fortes evidências de que o *Sahelanthropus tchadensis* — uma espécie descoberta no início dos anos 2000 — era de fato bípede, ao revelar uma característica encontrada apenas em homínidos com essa característica. Nas últimas décadas, cientistas debateram se o fóssil de sete milhões se locomovia sobre as pernas, o que o tornaria o ancestral humano mais antigo. Agora, com tecnologia 3D (foto), a equipe identificou o tubérculo femoral do *Sahelanthropus*, que é o ponto de fixação do maior e mais poderoso ligamento do corpo humano — o ligamento iliofemoral — e vital para a marcha ereta. A análise também confirmou a presença de outras características no *Sahelanthropus* que estão ligadas ao bipedalismo. O fóssil foi descoberto no deserto de Djurab, no Chade.